



TERRA, Mariana. **O que une cinema, pintura e um óculos com flor de renda no lugar das lentes?** Salvador: Universidade Federal da Bahia; Mestrado; Ciane Fernandes. Iluminadora e performer.

## RESUMO

O presente artigo busca apontar possíveis conexões entre os efeitos gerados pelo uso de um objeto artístico criado pela autora para pesquisa prática no mestrado acadêmico (um óculos - denominado Óculos de Ver Pouquinho) com certos aspectos que assemelham cinema e pintura, denominados pelo autor Jacques Aumont (2004) como “efeitos de quadro”. Esse objeto (Óculos de Ver Pouquinho) é uma proposição de alteração dos modos de olhar do público durante intervenções urbanas, já que materiais variados são aplicados na construção de suas lentes. São utilizados relatos de pessoas que experimentaram esses óculos para as argumentações propostas, visto que revelam, a partir de percepções visuais, indícios recorrentes: a fabricação de entornos, características de mediação integradora e ao mesmo tempo separadora do ambiente observado, bem como questões simbólicas ligadas à estatutos da arte e dos dispositivos (ou, a quebra deles). A partir dessas aproximações, parece possível apontar ligações com o conceito de “quadro-objeto” argumentado por Aumont (2004). Encontram-se afinal, características que unem esses meios tão diferentes – cinema, pintura e um óculos com flor de renda no lugar das lentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** proposições de modos de olhar: alteração visual: efeitos de quadro: intervenção urbana: Jacques Aumont

## ABSTRACT

This article points possible connections between the effects generated by the use of an artistic object created by the author for practice research in academic postgrade master studies (glasses – called Óculos de Ver Pouquinho) with some aspects that cinema and painting has in common, called by the author Jacques Aumont (2004) “frame effects”. This object (Óculos de Ver Pouquinho) is a proposition of alteration of the audience’s ways of seen during urban interventions, once variated materials are applied for the construction of their lenses. Reports from people that has experienced this glasses are used for the argumentations proposed, since them reveals recurrent indications: environment contour fabrication, characteristics of integrative mediation and at the same time separative from the observed environment, as well as symbolic questions related to art and devices status (or they break up). From those approximations, seems possible to point connections with the concept “frame-object’ argued by Aumont (2004). After all there are found characteristics that links so different medias – cinema, painting, and a pair of glasses with a lace flower in the place of the lenses.

**KEY WORDS:** ways of seen propositions: visual alteration: frame effects: urban intervention: Jacques Aumont

Usar um óculos pela rua e achar aproximações com cinema, com pintura?

O objeto artístico denominado “Óculos de Ver Pouquinho” foi desenvolvido durante pesquisa no mestrado em Artes Cênicas da UFBA, com fabricação de 10 unidades diferentes. Diz respeito à uma estrutura comum de óculos escuros, porém com as lentes modificadas pela aplicação de diversos materiais, como plásticos difusores, fitas acetinadas, pequenas peças multifacetadas, tecidos reflexivos, bem como tramados de algodão e flores de renda.

A percepção visual de quem o utiliza é alterada, uma vez que os raios luminosos que chegam na retina passam por entre as materialidades, modificando a aparência do que está contido no campo de visão. Os efeitos acontecem com relação aos olhos do utilizador do Óculos, ocorrendo distorções, difusões, polarizações ou pigmentações dos objetos e superfícies vistos, bem como recortes e supressões de áreas da tela visual<sup>1</sup>.

O Óculos de Ver Pouquinho foi criado para ser usado na cidade<sup>2</sup>, em intervenções urbanas, aqui entendidas como aquelas atividades estético-artísticas que promovem um corte performativo no cotidiano, que dão vazão à experimentação sensorial e estética nos espaços da urbe. Ações sensíveis e intencionais de resignificação do lugar-comum da vida diária, dispostas em ambiente externo, público<sup>3</sup>.

Ao longo do ano de 2012 foram realizadas saídas pelas ruas de Salvador utilizando o Óculos de Ver Pouquinho, orientadas pela autora, de caráter intimista, com um ou dois convidados no máximo. Tais intervenções urbanas, denominadas *Passeios pra Ver Pouquinho*, tiveram durações variadas, entre 15 minutos e 3 horas, acontecendo em diferentes horários do dia. Configuram-se como caminhadas pelas ruas, de modo lento e atento, a fim de experimentar o “filtro visual” gerado pelo Óculos, observando as alterações da percepção estimuladas por ele. Compreendemos o público como participante e criador que vivencia sensório-perceptivamente a intervenção.

A seguir, a autora em Passeio pra Ver Pouquinho realizado na cidade de Salvador em abril de 2012, utilizando o Óculos de Ver Pouquinho:

---

<sup>1</sup> O campo de visão tratado como “tela visual” é pesquisado por Lisa Nelson (2004), coreógrafa e pesquisadora da dança, improvisação e audiovisual desde a década de 1970.

<sup>2</sup> Atividades de natureza distinta vem também sendo realizadas, como é o caso do artista e pesquisador Eduardo Rosa que desde maio de 2012 adotou o Óculos de Ver Pouquinho como tecnologia para “espiagens”. Veja o exemplo da intervenção no evento ANDA 2012 em São Paulo: [http://acervomariposa.com.br/redeoctopus/2012/07/20/imagens-eduardo-ro\\_sa-oculos/](http://acervomariposa.com.br/redeoctopus/2012/07/20/imagens-eduardo-ro_sa-oculos/)

<sup>3</sup> Para saber mais sobre atividades artísticas de intervenção urbana, ver livro *Insurgências Poéticas* de André Mesquita (2011).



Óculos de Ver Pouquinho, 2012. Foto: Alex Oliveira

O “uso” do óculos é entendido de forma estendida, pois vai além do simples acoplamento de um aparato no rosto. Ele não possui atividade mecânica ou automatizada, não funciona na ausência do observador que percebe o ambiente por entre suas tramas. Há um acionamento do movimento por parte de quem utiliza, sendo movimento dos olhos ou locomoção através do espaço. Os efeitos visuais ocorrem numa ligação entre estímulo e ação.

O conteúdo visual é o material criativo feito pelo participante, como uma certa condensação do cotidiano em imagens temporalizadas, sucessivas, onde a posição do observador ganha relevância primeira. O olhar e sua relação no ambiente - ponto de vista no espaço-, gerador de composições imagéticas únicas, efêmeras. Com o olhar, elabora-se certa cinematização do que é visto, no entanto sem registro material, e sim perceptivo. Em certa ocasião, logo no início de um dos Passeios, Luís comenta: “Uau, isso é cinema!” Frase curta, talvez generalizante ou demasiado indicativa. No entanto, parece que Luís percebeu o Óculos como um dispositivo que produz certo tipo de *efeito*, que desloca o olhar de seu modo habitual de operação.

A idéia de *efeito de quadro* estudada pelo teórico Jacques Aumont (2004) ao entrecruzar analiticamente cinema e pintura, indica desdobramentos para a constatação de Luís. Primeiro, o mais óbvio: linguagens artísticas distintas, cada uma tendo meios específicos, dispositivos que fazem delas facilmente identificáveis e diferenciáveis. Grosso modo, podemos dizer que há no cinema o filme, e na pintura há o quadro (aquele de pendurar na parede). No entanto, o quadro expande-se enquanto efeito, e para as duas manifestações, é “o que faz com que a imagem não seja infinita, nem indefinida, o que termina a imagem, o que a detém” (AUMONT, 2004, p.112).

Neste texto abordamos especificamente um dos três desdobramentos para os efeitos de quadro, o *quadro-objeto*: aquilo que está na borda do enquadramento - para além de uma "moldura". Garante ainda, a transformação da percepção (aparência do que é mostrado). O quadro-objeto é o que circunda a obra, o entorno físico que a separa dos demais objetos. Confere características de mediação integradora e ao mesmo tempo separadora do ambiente como um todo.

Um objeto de usar no rosto em caminhadas pela rua passa a estar aproximado do cinema e pintura pela abordagem do olhar, pelo que dispõe como efeitos?

Efeito de fabricação de entorno:

"Não estou vendo nada", diz Ariel durante um dos Passeios. Após alguns instantes experimentando mover a cabeça, pausa, e comenta: "Sim, tem uma frestinha no canto esquerdo, se viro assim, dá para encaixar as pessoas nela". Referia-se às pessoas atravessando a rua. Permaneceu por dois minutos nessa posição, até decidir continuar caminhando. Quando Ariel comenta que "não pode ver", percebe-se que algo mudou em seu olhar. O tamanho e aparência de seu campo de visão é alterado subitamente (veste o Óculos), e surge a impressão de que é incapaz de enxergar. No entanto, quando toma o tempo necessário para adaptar-se à nova situação, percebe que há um espaço disponível por entre os materiais das lentes, através dos quais pode acessar visualmente o mundo ao redor.

Podemos entender que, para Ariel, foi disponibilizada nova *moldura* para o olhar. Sua tela visual passou a ser uma fresta, um recorte, um espaço estreito que lhe proporciona um enquadramento específico – as pessoas atravessando a rua podem ou não estar dentro dele, a depender de onde posiciona a abertura disponível. Tal emolduramento é temporário e relacionado diretamente ao ponto de vista que Ariel assume no espaço. A moldura, no caso da pintura, separa a tela pintada daquilo que a circunda, ela é um objeto móvel, transportável. No cinema, é uma construção abstrata, tendo como elemento primordial o próprio papel do escuro: o breu da sala de cinema circula a tela de projeção. "O quadro-objeto tem sempre esse valor: ele rodeia a obra, *fabrica* um entorno para ela." (AUMONT, 2004, p. 112).

A fabricação do entorno para a obra (tanto na pintura quanto no cinema), produz a diferenciação do que é o elemento criado pelo artista, daquilo que não é. A moldura de um quadro na parede, o separa dos demais objetos, distingue-o da cadeira, da porta ou o vaso de flores. O lugar do artístico está naquilo que o pintor pintou, e que se dá a ver para o público, com uma moldura. No caso do Óculos de Ver Pouquinho, é sua estrutura o que produz moldura em elementos quaisquer, sejam eles a cadeira, a porta, o vaso de flores ou uma pessoa atravessando a rua. A fabricação de entorno, portanto, passa de artifício controlável pelo artista, para elemento disponível para o público produzir seus próprios modos de olhar.

A frestinha por onde olha Ariel, vira a própria forma de sua tela visual. A moldura definida pelo Óculos provoca a integração de seu olhar com informações que fazem parte de um ambiente cotidiano, onde está inserido.

Efeito de transformação da percepção:

Enquanto Alice utilizava o Óculos de Ver Poquinho em Passeio no período noturno, comentou: “parece que estou dentro de uma nuvem. O farol do carro quando vem, dá um clarão na névoa branca”. O que estava provocando o efeito esbranquiçado na visão de Alice eram rendas brancas que formavam as lentes. O algodão promovia uma difusão intensa na luz que o atravessava, gerando uma sensação perceptiva de esmaecimento, uma neblina. A adaptação-transformação da luz que está no ambiente é promovida pelo Óculos que está entre seu olhar e os carros que vem e vão. Aumont comenta sobre a moldura dourada do quadro pictórico, que “remete à própria tela pintada uma luz amarelada e suave, que inunda a imagem sem afogá-la, que a banha difusamente (...)” (AUMONT, 2004, p.115). No cinema, é o escuro presente que literalmente torna a imagem projetada visível. Na experiência com o Óculos, são os materiais das lentes que alteram a iluminação do ambiente onde Alice se encontra. É um efeito de percepção voltado para seus olhos. Ela “vê” neblina branca ao seu redor, quando de fato não está fisicamente em um ambiente assim.

A alteração da luz promovida pelo Óculos de Ver Pouquinho causa sensações para o olhar. A materialidade da renda de algodão exerce o papel do dourado da moldura ou do breu da sala: atuar perceptivamente com relação à obra visual. Por se tratar de uma intervenção, o visto já é obra, e o olhar de Alice que viu-se em uma nuvem, é sua criação. A provocação do efeito perceptivo, se dá na interação com o Óculos. Se Alice decide virar sua cabeça para longe dos carros, os efeitos de clarão e esbranquiçamento intenso, cessam.

O Óculos de Ver Pouquinho se apresenta como *mediador*, diferente da materialidade para ser apreciada como a pintura ou o filme. A mediação é também uma característica do quadro-objeto. O público passa a ser criador, e o lugar da obra de arte está no olhar de quem vê. O que é elaborado pelo artista, vira um entre, um tipo de contato.

Há uma diferença crucial entre o estudo sobre olhar pautados em análises de objetos artísticos produzidos com dispositivos que, como sugere Aumont, “a um só tempo liberam e aprisionam o olhar” (AUMONT, p.57), e o dispositivo aqui apresentado, que produz efeito integrador com o mundo, no ato mesmo de seu uso ativo por parte do público-participante-observador. Com o Óculos o quadro-objeto está em relação ao olhar direto, no mundo concreto.

Os efeitos alteradores das imagens da tela visual de Luís, Ariel ou Alice, são feitos numa integração do *self* com o ambiente. O Óculos parece promover abertura para conexões. A artista e pesquisadora Ciane Fernandes fala sobre imagem que é criada a partir de “descobertas internas, em relação com o meio, porém sem sacrificar o impulso interno em prol de uma imagem externa

ideal determinada *a priori*, de qualquer que seja a estética” (FERNANDES, 2012).

Podemos detectar os elos co-dependentes entre o estímulo gerado pelo óculos e o modo como o público passa a relacionar-se com aquilo que vê, ao ser o alterador e impulsionador de efeitos para seu próprio campo visual. Tal experiência “traz o foco e o poder para dentro do realizador, reforçando sua autonomia e integrando consciência-biologia-meio em prol de uma auto-organização libertadora” (FERNANDES, 2012).

O Óculos de Ver Pouquinho, assim, se apresenta de modo distinto àquelas materialidades dispostas no mundo para serem observadas diretamente, como a pintura ou o filme (nesse caso os vetores estão na direção olhar-objeto artístico). A visão-frestinha, ou o esfumaçamento temporário que acontecem no aqui e agora, colocam a questão dos efeitos de quadro-objeto em um novo lugar de discussão. Essa é uma abertura de possibilidades de análise. Quem sabe para ela ainda seja necessário um Óculos de Ver Pouquinho especial para reflexões acadêmicas, que dinamize nosso olhar-as-coisas de modo integrado com as informações do mundo.

#### BIBLIOGRAFIA

AUMONT, Jacques. **O olho interminável** (cinema e pintura). São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FERNANDES, Ciane. **Imagem somático-performativa: força, conexão e integração. Comunicação.** In: IX Colóquio Franco Brasileiro de Estética: Imagem e Corpo Performativo. Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, setembro de 2012.

MESQUITA, André. **Insurgências Poéticas.** Ed. **Annablume/Fapesp.** São Paulo, 2011.

NELSON, Lisa. **Before Your Eyes: Seeds of a Dance Practice.** Contact Quarterly Vol. 29 #1 winter/spring, 2004.